

# ÍNDIOS CREPÚS DE UMA O ENIGMA YAN

Reportagem de Beatriz Cardoso ● Fotos de Cristiana Isidoro

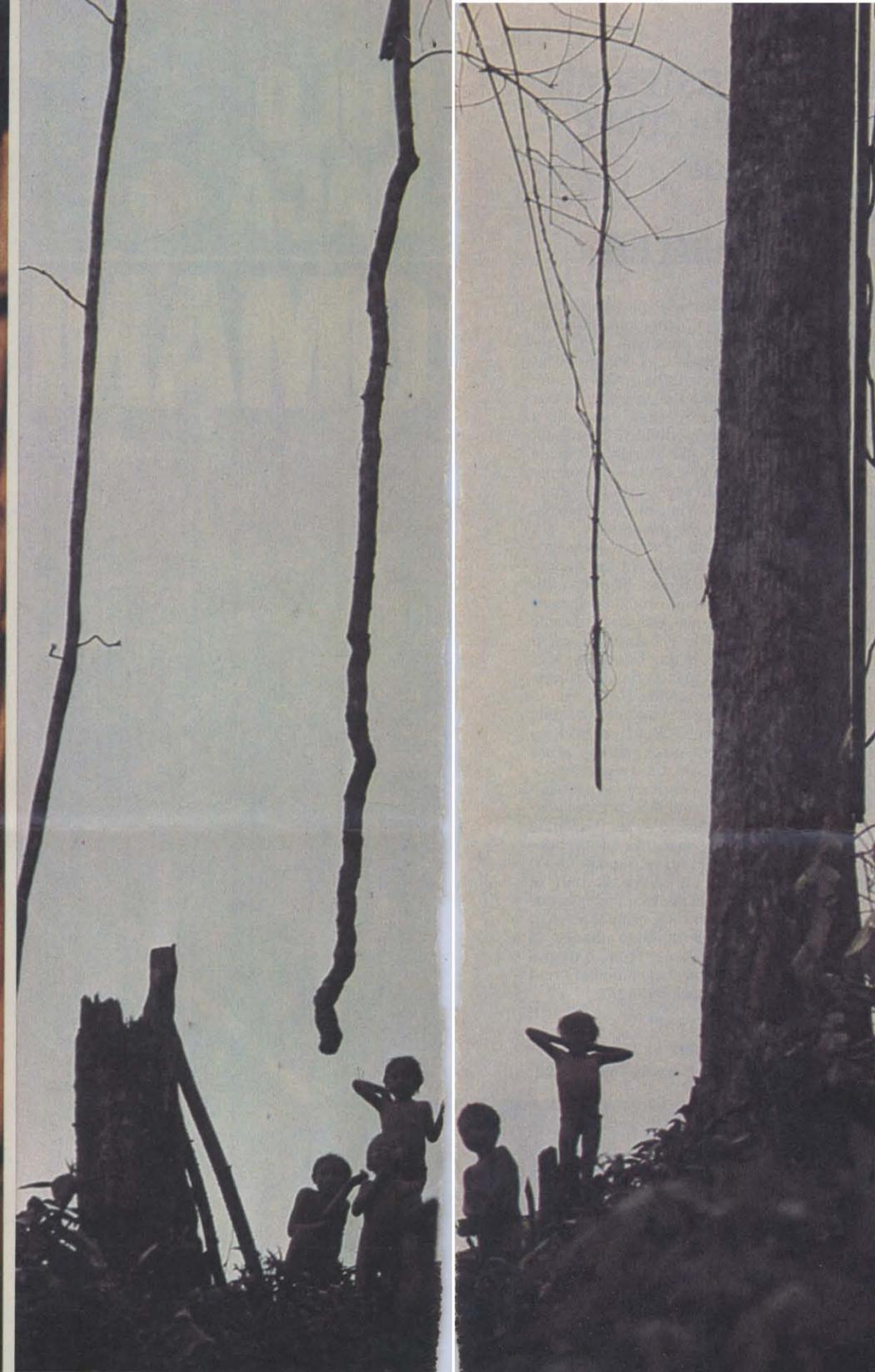
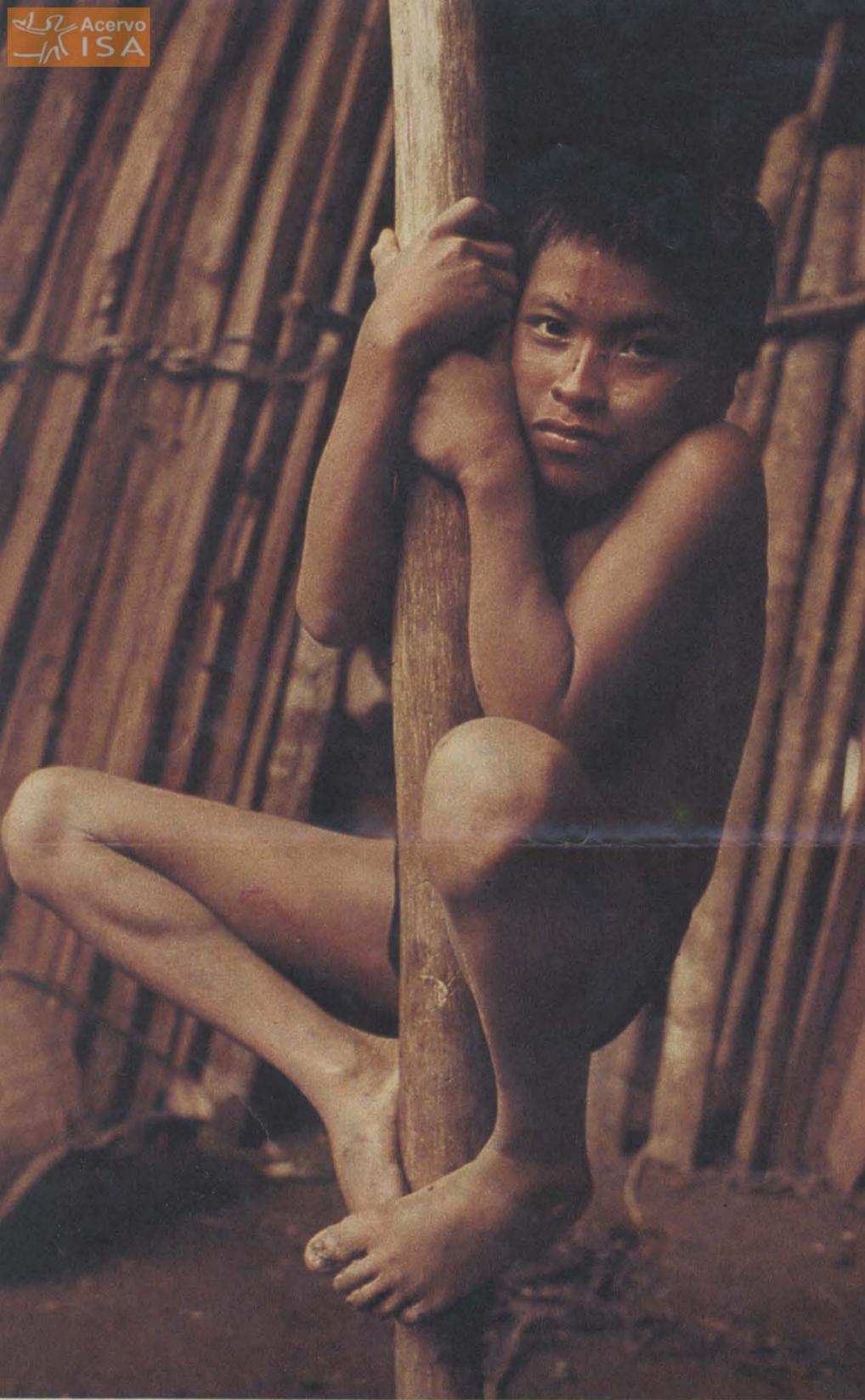
**H**abitantes seculares das selvas do norte do Estado do Amazonas e oeste de Roraima, estendendo seus domínios além da fronteira com a Venezuela, os yanomamis — considerados como o maior grupo primitivo da América Latina — estão ameaçados de extinção. Desde que foram mapeadas as grandes reservas de minério (ouro e cassiterita, principalmente), há 14 anos, o *habitat* dos yanomamis passou a ser invadido por milhares de garimpeiros. Como formigas, os homens brancos vêm consumindo as bases físicas e culturais desse povo. Enquanto o governo dá os primeiros passos para impedir o genocídio indígena, os yanomamis enfrentam um outro tipo de cerco: o contágio de doenças levadas pelos invasores. No olhar do jovem índio, o enigma de um povo descrente de seu futuro.

SEGUE

## CULO RAÇA 2

# OMANI





O *curumim* yanomani, com *urucum* no rosto, faz peripécias diante da máquina fotográfica. Em bandos, eles exploram a floresta ao redor das malocas, onde os gigantescos cipós são convite à brincadeira e à aventura. O tucano capturado foi trocado com os garimpeiros por uma rede.

## ACUADAS NA FLORESTA, AS CRIANÇAS INDAGAM SEU FUTURO

“Muito tempo atrás não havia mulheres, mas somente dois homens: Oma e Yoasi. Oma fez amor com Yoasi; este dobrou a perna, recebendo a *semente* de Oma por trás de seu joelho. A barriga da perna de Yoasi engravidou. Foi assim que nasceu o primeiro yanomani”, conta um velho índio. Os mitos e as lendas que contam a vida dos yanomani quase sempre inicia da mesma forma. *Muito*

*tempo atrás* corresponde ao *era uma vez* das nossas histórias infantis. Só que, no caso, a história do maior grupo indígena primitivo do Brasil não terá um final feliz.

Na região do Surucucus, em Roraima, próxima à fronteira da Venezuela, os índios viviam em um isolamento que se tornou fatal desde que a área — aonde só se chega de avião — foi *liberada* para o garimpo. Diferente dos

missionários — que alteram a cultura imemorial —, os garimpeiros exercem uma ação predatória que está levando os yanomani à dizimação. Afugentados de suas terras de origem pela miséria, e na ânsia de explorar recursos minerais da região, preciosidades, como ouro, cassiterita e diamante, os garimpeiros poluem os rios e igarapés com mercúrio, prejudicando a pesca; assustam a caça com seus

hábitos alienígenas; disseminam doenças que antes os índios não conheciam, tornando-se uma ameaça à vida e à cultura yanomani. Nessa marcha ocupacional, os yanomani ficam sem possibilidade de defesa.

Indiferentes a este cerco, os *curumins* (crianças) exploram a beleza selvagem das florestas em brincadeiras pueris com troncos e cipós; banham-se nos igarapés; percorrem, descal-

ças, as trilhas abertas na mata, ainda que algumas vezes usem sunga em vez de tangas, mas mantêm em sua expressão uma incógnita. Acuados pela presença do homem branco, os pequenos índios buscam uma resposta e um resgate. Algo que os faça compreender melhor a realidade que os cerca. Alguma chama de esperança no futuro.

SEGUE

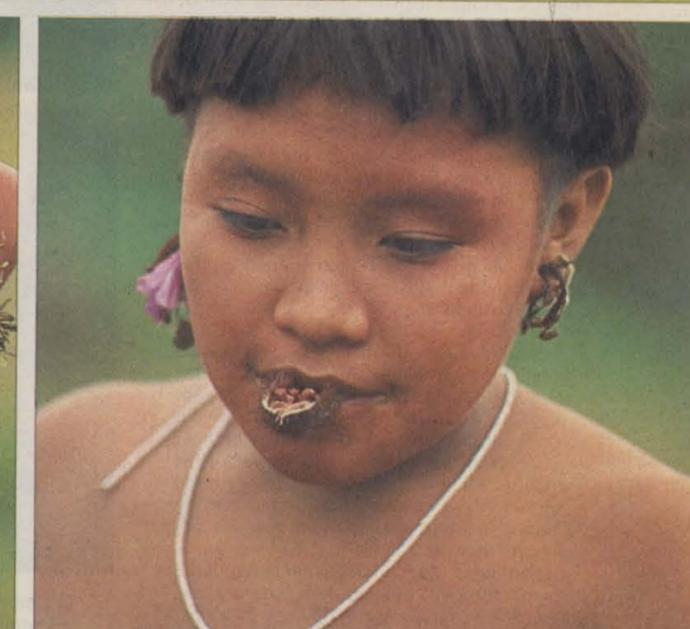
## AS ÍNDIAS OSTENTAM UMA BELEZA SUAVE QUE LOGO SE DESGASTA COM O TRABALHO

As mulheres — vaidosas — pintam-se com *urucum* (fruto de um planta amazônica da qual se extrai uma tinta vermelha de sua semente), enfeitam o lóbulo das orelhas, e as braçadeiras com flores e folhas. Mas evitam sair das malocas enquanto há garimpeiros por perto. Só permitem nossa entrada quando a mulher do *tuxaua* (chefe) Aribina nos reconhece como as visitantes que vieram de avião (buruburu) dois dias antes: ela havia acompanhado o marido quando este visitou a pista.

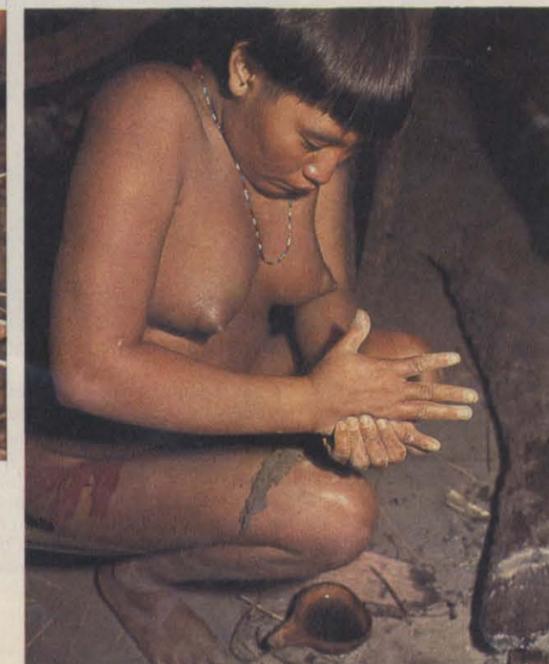
Depois da desconfiança inicial, oferecem bananas cozidas servidas em um grande cesto. Uma delas, comunicando-se através de gestos e algumas palavras aculturadas ou do dialeto geral, manda que nos sentemos. Depois, ensina-me a tecer cestos. Quando um índio chega à maloca, fica irritado com as visitas. Depois de receber alguns presentes — bermudas, espelhos e comida —, permite que fiquemos. Mas só até o início da tarde. Quando chega Aribina, todos se sentem mais tranquilos. Brincam com nossas roupas e acabam nos pintando para uma guerra imaginária. Percebe-se, no entanto, na diferença de pintura feita nos visitantes, e nas que eles mesmos usam, que tudo não passa de um jogo. Sem maldade, *nos fazem de palhaços* e riem alegres porque gostamos da brincadeira. Embora ganhem roupas, só as usam para apresentar-se iguais aos visitantes, retirando-as após algum tempo. Os *tuxauas*, no entanto, permanecem de *shorts* ou bermudas, para se sentirem iguais aos homens brancos que nos acompanham. Mas Adriano, irmão de Aribina, resolve tirar sua bermuda e, dentro da tradição yanomani, circula nu, tendo o prepúcio amarrado por uma corda de algodão presa ao quadril como única vestimenta.

SEGUE

A jovem yanomani macera as folhas de fumo: um vício natural e ancestral da tribo.



As mulheres casam-se ainda adolescentes e têm filhos a partir dos 13 anos. Gostam de adornar o corpo com enfeites que podem ser folhas, flores, miçangas e fios torcidos. Enquanto aplica a pintura para se embelezar e espantar os insetos, a índia segura com a boca o fruto do urucum.



Entre os yanomanis, não há *sexo frágil*. As índias carregam lenha e cuidam do roçado, onde a mandioca e a banana são alimentos básicos. Além disso, tecem cestos de cipó e preparam o rolo de fumo que homens, mulheres e até crianças mantêm na gengiva.



Com o *coração* da bananeira, o tuxaua (chefe) Adriano improvisa um instrumento de sopro: arte espontânea na mata.

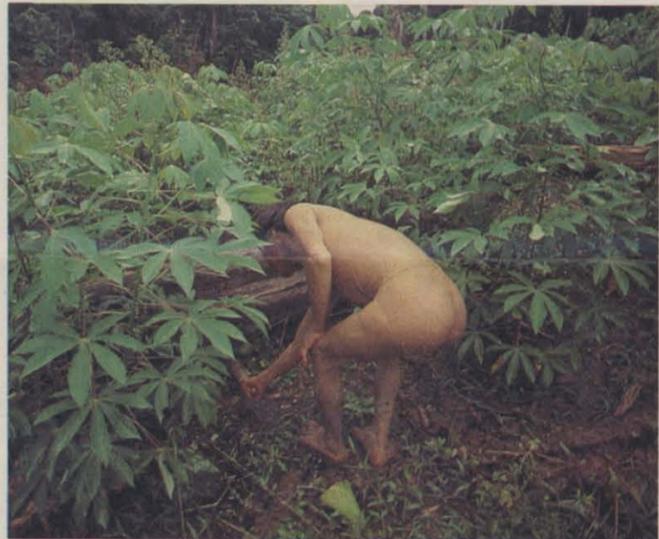
## OS YANOMANIS MANTÊM SEUS HÁBITOS, MAS A ACULTURAÇÃO É INEVITÁVEL

O contato com os missionários — católicos em sua maioria — não traz aos nativos da selva de Roraima uma ameaça, propriamente dita. Os religiosos se intrometem nos costumes ancestrais, induzem os índios a usar *shorts* e bermudas, propagam uma cultura nova, mas, por outro lado, são respeitosos com as índias, não disputam a caça e nem a colheita com os índios, e prestam assistência sanitária à tribo.

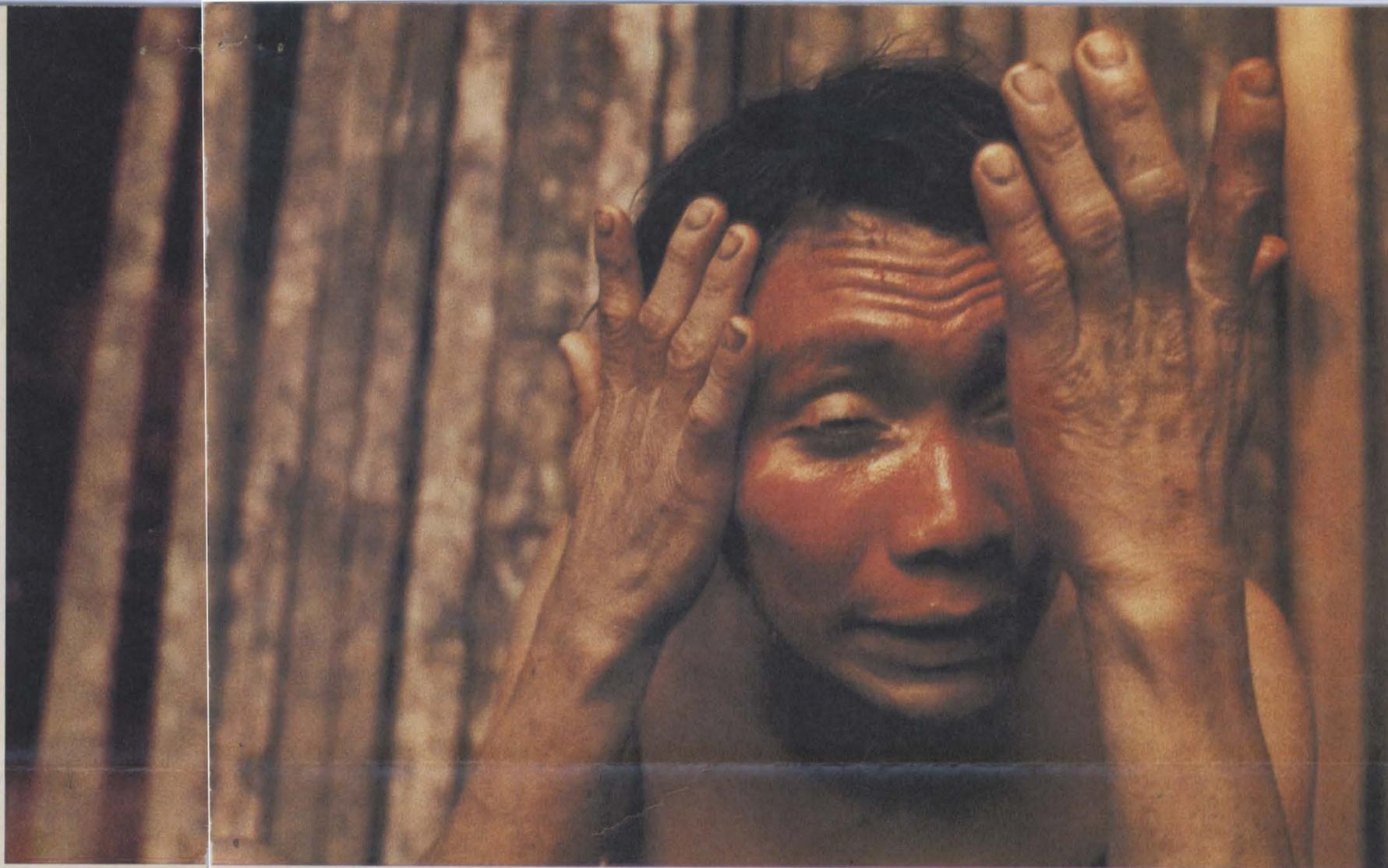
Os yanomani, aculturados em seus hábitos e alguns costumes, tentam manter suas tradições, das quais depende a sua própria sobrevivência. No contato com os garimpeiros, aprenderam o manejo da faca, e adotaram utensílios da civilização, como as lanternas a pilha para caminhar de noite na mata. Ainda assim, preferem andar nus pelo roçado e interagir com a floresta como um recanto lúdico, onde podem inventar instrumentos musicais e se entregar a brincadeiras. Atacados por enfermidades variadas que chegaram com o homem branco, eles agora dependem desses mesmos homens brancos para curar as doenças, iniciando-se um círculo vicioso sem retorno.

Além dos yanomani incorporarem palavras e hábitos dos *invasores*, acabam por aceitar termos *inventados*, misturando sua língua com o português. Em demonstração clara desse processo de aculturação, o chefe Aribina só aceita tirar suas roupas civilizadas para tirar fotografia. Depois, faz questão de vestir de novo sua bermuda. As crianças também se deixam fotografar, mas querem biscoito salgado em troca.

As mulheres, que antes fiavam o algodão e tingiam o fio com o urucum, hoje, com a possibilidade de terem acesso a algumas matérias-primas, acostumaram-se a usar o fio industrializado para tecer redes e tangas. O contato com o homem branco trouxe moléstias, mas também economia de esforços.



O yanomani trabalha na roça de mandioca, enquanto outro conserta a flecha para que ganhe mais estabilidade. Os dentes de animais são usados para afiar a arma de caça e torná-la mortífera.



Diante dos visitantes, o guerreiro tinge o rosto de vermelho numa demonstração de vaidade masculina. Nas perambulações, levam a lanterna, a camiseta, o *short* e a faca, que aprenderam a usar com o homem branco, mas carregam os frutos da colheita nos cestos tecidos pelas mulheres.

## PRESSIONADO, O GOVERNO ACORDA PARA A GRAVIDADE DO PROBLEMA INDÍGENA

No Estado de Roraima, com seus 230 mil quilômetros quadrados de campos naturais, florestas virgens e serras de origem vulcânica, está assentado no maior núcleo yanomani. O ex-território tem uma população residente de aproximadamente 120 mil habitantes, que pode ter *inchado* para 250 mil devido ao *rush* do ouro no ano passado. Atualmente, há cerca de 45 mil garimpeiros no estado. Não há um registro oficial sobre a população indígena local, mas os órgãos federais estimam que cheguem a 25 ou 30 mil indígenas, divididos em 10 grupos. Entre eles, estão aproximadamente 7 mil e 300 yanomanis, segundo o Conselho Interministerial, que trata da questão indígena, entre outras. O restante do povo yanomani vive no Estado do Amazonas, nas regiões próximas aos municípios de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira. A quase duas horas de voo, num bimotor cedido pelo governo, há o posto da Funai e a base militar de Surucucus, centro logístico do Calha Norte na região. Ao chegar à base, em área considerada de segurança nacional, duas surpresas: o Exército não sabia e não se espantou com a visita inesperada dos jornalistas. Otimistas, os soldados pensavam que os visitantes tivessem levado mantimentos. É que, há mais de 10 dias, o Búfalo com rancho não pousava na larga pista de 900 metros de comprimento. Uma demonstração de que nem mesmo as Forças Armadas podem suplantar as dificuldades naturais da região — as constantes chuvas —, desafiadas pelas aeronaves do garimpo que buscam pouso nas mais de 30 pistas de terra existentes só na área de Surucucus. Devido ao isolamento da região, sem rios navegáveis ou qualquer tipo de estrada, o avião é o único meio de acesso ao território indígena, onde os yanomanis se locomovem com desembaraço.

A poucos minutos de voo da base militar de Surucucus, uma outra maloca yanomani, ainda sem contato com a Funai ou militares, já travou relação com os garimpeiros que ocupam a faixa próxima ao rio Parima. Tanto na maloca (yano) onde há o posto da Funai quanto na que está próxima ao garimpo, as mudanças nos costumes já podem ser notadas. Na primeira, a 100 metros da base militar, a instalação, em caráter definitivo, de uma comunidade branca, mesmo que militar, além dos funcionários da Funai, provocou alterações na própria construção das grandes casas comunais, bem como em alguns hábitos. A maloca tem porta com trancas, uma chapa de zinco no teto, deixando só as aberturas por onde sai a fumaça das fogueiras.

**Claudia Andujar, da CCPY, alerta contra o genocídio. Alguns yanomanis aderiram ao Projeto Calha Norte, servindo ao Exército. Os garimpeiros, por sua vez, invadiram as aldeias com seus costumes.**

Algumas paredes estão revestidas por papelão de caixas de eletrodomésticos — como geladeira e fogão — ou por plástico de cor escura, que servem até mesmo de divisórias dos diversos cômodos ao redor do salão central — uma espécie de arena, como em um circo. Nas fogueiras, entre as redes de cada família, há panelas onde são esquentadas a comida e a água para fazer infusões; canecos no lugar do *rehasi* — metade de uma cabaça utilizada como copo ou prato —, além de alguns talheres. Já na maloca da área onde o garimpo está atuando, as yanos utilizam os objetos fabricados por eles mesmos. Mas, na relação com a população flutuante do garimpo, acabaram desenvolvendo um sistema de troca e dependência: preferem as redes industriais, lanternas de pilha e cartuchos para espingarda de caça.

Um jovem índio, visitante de outra aldeia, se aproxima. Pelo seus trajes, percebe-se a influência dos missionários que antes viviam na área: usa uma tanga improvisada de pano vermelho, ao estilo de fralda, amarrada na cintura. E não a retira em nenhum momento. Um outro índio, de bermuda, quer um pedaço de meu cabelo. Para ele, acostumado a ver as índias com os cabelos cortados na nuca, é estranho uma mulher com uma trança tão comprida. Talvez incentivado pelas roupas de seu companheiro, o visitante de tanga acaba por pedir uma bermuda em troca da foto que tiramos. São alguns sinais de que algumas mudanças poderão se tornar, a curto prazo, irreversíveis.

No caminho de volta, acompanha-nos pela picada e, gentilmente, oferece a mão quando atravessamos igapós e troncos que servem como pontes sobre os igarapés. Mostra-nos o timbó, espécie de cipó entorpecente que usam para pescar, e a roça no sopé do morro onde está a



Cristiana Isidoro

**1989** A maloca dos yanomanis hoje está repleta da influência industriais e folhas de papelão nas paredes contrastam



MANCHETE

do homem branco. As panelas, canecos, redes com o artesanato de cipó feito pelas índias.



**1976** Há 13 anos, o quadro era outro: os hábitos e tradições permaneciam intactos. As malocas não tinham nenhum elemento alienígena e tudo vinha da terra.

yano comunal e a casa do chefe. Eles plantam mandioca, banana, fumo, abacate e até mesmo abacaxi.

Nesta região, onde encontramos duas jaraçuças-malha-cascavel (como chamam os garimpeiros), há muitos tipos de cobras, que se transformam em uma refeição fácil de ser transportada pelos yanomanis. Limpam e cortam as cobras em pedaços, embrulhando-as em folhas, em pequenas trouxinhas que levam penduradas no pescoço.

A proximidade da Funai e dos militares provocou sutis diferenças no comportamento das mulheres e crianças yanomanis que vivem na maloca onde há a pista do Exército. Depois de se deixarem fotografar, saem e sentam-se no chão para conversar ou catar piolhos, que comem. São mais dóceis e confiantes. Algumas mulheres estão pescando camarão. Quando retornam, no fim da tarde, vão banhar-se no

igarapé, deixando-se acompanhar pelos visitantes. Todas andam de tangas e não se deixam seduzir por roupas. No entanto, querem linhas de cor vermelha e miçangas, para confeccionar seus adornos.

Os yanomanis não gritam. Mas o murmúrio deste povo atravessa o espaço e chega a outras partes. Repercurte no exterior e provoca uma reação no Brasil. O governo resolveu dar os primeiros passos para impedir a extinção desse povo, empurrado também pela mobilização de entidades de defesa dos direitos indígenas. No início de junho, uma comitiva formada por 20 pessoas, entre elas os subprocuradores da República Carlos Eduardo Vasconcelos e Wagner Gonçalves, além do subprocurador-geral Cláudio Fontelles, o Senador Severo Gomes (PMDB/SP) e o deputado federal Plínio de Arruda Sampaio (PT/SP), esteve em Rorai-

ma. Os visitantes constataram a urgência de se tomarem medidas efetivas para evitar o genocídio yanomani.

A Procuradoria-Geral da República criou a Coordenadoria de Defesa dos Direitos e Interesses das Populações Indígenas, que requereu ao Ministério da Aeronáutica e à Superintendência da Polícia Federal a interdição de 54 pistas de pouso utilizadas pelo garimpo, situadas em áreas indígenas ou de florestas nacionais. Em seu segundo ato, abriu um inquérito civil público para levantar a situação fundiária das áreas indígenas e os critérios que determinaram a demarcação das 19 "ilhas" — áreas indígenas. Mas o mais importante é que seja implantado um plano assistencial médico e sanitário que atenda as populações indígenas, atualmente dependendo da assistência dos missionários e alguns garimpeiros.

Com base em um depoimento do médico da

Funai, Oneron de Abreu Pithan, as condições de saúde dos índios são extremamente precárias. "Além das doenças a que os índios estão expostos nessa convivência com os brancos, a oncocercose está se propagando e não há condições mínimas de tratamento para esta moléstia." Para agilizar este plano de saúde, ele defende a criação de um convênio médico com apoio de diversas entidades, como a Cruz Vermelha e a Fundação Oswaldo Cruz, entre outras. Por último, sugere aos parlamentares vinculados à Ação pela Cidadania que entrem com requerimento de informação, para que a Funai responda sobre a situação indígena do país e sua administração. A coordenadora da CCPY (Comissão pela Criação do Parque Yanomani), Cláudia Andujar, afirma que são necessárias medidas drásticas para impedir o genocídio yanomani. "Muitos yanomanis foram mortos nessa ocupação desenfreada. Isso não pode continuar." Outros membros da CCPY afirmam que nos últimos 30 anos, nos contatos com missionários, operários que trabalharam na Perimetral Norte e nos pólos de colonização, militares da Calha Norte, garimpeiros e empregados de mineradoras, os yanomanis sofreram não só o "assassinato físico como também cultural". Enquanto os papéis tramitam nos órgãos federais, Congresso Nacional e entidades indigenistas, os yanomanis esperam. Talvez que se cumpra a predição dos filhos de Oma e Yoasi: "... quando os lugares sagrados forem tocados, a noite virá. Virá a noite como a brisa da manhã, pois eu estarei me pondo fraco. A noite virá como o vento, pois eu estarei morrendo."

**A SEGUIR: A esperança dos Uru-Eu-Wau-Wau**



Vic Parisi



MANCHETE



J. L. Buicão

